

ESCREVER, HOJE: PALAVRA, IMAGEM E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

WRITING TODAY: WORD, IMAGE AND TECHNOLOGIES IN EDUCATION

ESCRIBIR HOY: PALABRA, IMAGEN Y TECNOLOGÍAS EN LA EDUCACIÓN

Meriângela Sales Rodrigues¹
Auricélia Pires de Vasconcelos Belarmino²
Geam Karlo Gomes³

Manuscrito recebido em: 13 de abril de 2021.

Aprovado em: 20 de outubro de 2021.

Publicado em: 04 de novembro de 2021.

Resenha crítica do livro: RIBEIRO, Ana Elisa. Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

Critical review of the book: RIBEIRO, Ana Elisa. Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

Reseña crítica del libro: RIBEIRO, Ana Elisa. Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

Palavras-chave: Cultura Digital; Edição; Tecnologia.

Keywords: Digital Culture; Edition; Technology.

Palabras Clave: Cultura Digital; Edición; Tecnología.

¹ Graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade de Pernambuco. Integrante do grupo de pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6658-9239>

Contato: meriangelasales130197@gmail.com

² Mestra em Educação pela Universidade de Pernambuco. Professora na Secretaria de Educação de Pernambuco. Integrante do grupo de pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6778-1943>

Contato: proaury@gmail.com

³ Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade de Pernambuco. Professor na Universidade de Pernambuco. Líder do grupo de pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9569-1497>

Contato: geam.k@upe.br

Resenha

“Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias na educação”, de Ana Elisa Ribeiro, professora do CEFET-MG e pesquisadora de temas como leitura, produção e edição de textos em tecnologias digitais, apresenta atual e relevante abordagem sobre questões que perpassam a escrita, no contexto das tecnologias digitais. Numa linguagem bastante acessível, o livro perfaz uma discussão teórica bem conectada com sua prática como docente-pesquisadora, apresentando muitos exemplos de usos de tecnologias nas práticas de leitura e produção textual.

O livro está dividido em oito capítulos, trazendo contribuições de teóricos de distintas áreas do conhecimento: Roger Chartier, Maria da Graça Costa Val, Gunther Kress, Magda Soares, Luiz Antônio Marcuschi, Mattoso Camara, Peter Burke, Lúcia Santaella, dentre outros. Alguns capítulos foram escritos com base em vivências e anotações feitas para realização de palestras, que geraram artigos e, posteriormente, foram transformados em capítulos, configurando um processo de edição, como a autora mesmo relata nesta obra. Os capítulos estão intrinsecamente interligados às experiências docentes vivenciadas por Ana Elisa Ribeiro.

O capítulo introdutório é resultante do prefácio de Carla Coscarelli, que faz uma apresentação bastante convidativa à leitura, além de compartilhar informações sobre a autora no tocante à temática das suas pesquisas e diversas atividades que realiza, a exemplo de produções literárias. A autora é apresentada como uma estudiosa dos livros, dos textos, da leitura e da escrita. Ao longo da obra é disponibilizado ao leitor relevantes reflexões e contribuições de produções científicas e acadêmicas.

A princípio, o livro aborda assuntos caros à autora, como letramento digital e cibercultura. No capítulo dois – intitulado “Cultura escrita, cultura impressa, cultura digital-contiguidades e tensões” –, fica explícito que há uma percepção de que a cibercultura vem sendo associada à cultura impressa, e por essa razão, vem sendo estudada como se fosse uma oposição à cultura escrita, o que certamente a autora enxerga como equívoco, uma vez que a cultura escrita está ligada ao processo de invenção e evolução da escrita ao longo dos anos, bem como ao desenvolvimento da leitura. Ana Elisa ainda traz uma discussão

sobre cultura digital e cibercultura a partir de bases teóricas como Pierre Lévy, André Lemos, Nelson Pretto, Érick Felinto e Magda Soares. A partir desse arcabouço, Ribeiro (2018) conclui que existe uma tensão nos olhares desses autores em relação à cultura, por mais que seja discutido o desaparecimento de certas tecnologias, em função do surgimento de outras que perpassam o cenário contemporâneo. A autora disponibiliza três exemplos de espaços de diálogo e tensão que ocorreram em Belo Horizonte: o show de música, a biblioteca e a editora. O primeiro, apresenta diálogos e tensões entre dois mundos musicais, o clássico e o popular (MPB), reproduzido no show de uma turnê de Alceu Valença em 2012. A turnê Valencianas despertou uma tensão de culturas, pois as canções de Alceu estavam sendo acompanhadas de uma orquestra, em um espaço que exigia ficar sentado e em silêncio, o que incomodou o público a ocupar os corredores e a dançar, conforme os códigos de um show MPB. O segundo exemplo se refere ao espaço biblioteca – lugar de estudo onde prevalece o silêncio, a organização e a concentração – porém na rede de bibliotecas públicas de Belo Horizonte, havia uma discussão de inserir telecentros nesses espaços. O conflito consiste nessa junção, já que o telecentro é um espaço público que tem a função de disponibilizar informação e capacitar comunidades por meio de tecnologias e isso alteraria o funcionamento da biblioteca, passando de um lugar calmo para um espaço barulhento. Por fim, é apresentado o conflito entre o processo de edição de uma editora com a cultura digital, por meio de um exemplo de uma editora de livros impressos, que atua em Minas Gerais. Um livro com relatos de experiências de professores que trabalharam com instrumentos digitais em suas aulas foi enviado a um organizador, e no material constava textos, imagens, remixes, printscreens de telas de softwares, etc., porém, ao ser avaliado, foi sugerido retirar essas imagens, devido às leis de direitos autorais. Logo, o que era para ser um trabalho que evidenciasse as atividades digitais, por meio dessa demonstração, entrou em choque com a cultura do impresso.

O capítulo seguinte é bastante instigante “Nunca mais vejo um jornal do mesmo jeito” – Relações entre leitura, edição e letramento –, pois chama o leitor à reflexão sobre o que é lido, visto e ouvido nos diversos materiais de circulação de informações: jornais impressos, rádio, TV. Inicialmente, Ana Elisa relaciona o processo de edição ao letramento, destacando que a atuação dos editores exige práticas de leitura e escrita. Um aspecto

levantado é a não neutralidade da edição e como isso pode passar despercebido pelo leitor. Inclusive, em práticas educativas, as atividades de leitura pouco contemplam a criticidade desses aspectos. A autora reforça a importância de saber como o texto foi trabalhado até chegar ao leitor e enfatiza que esse conhecimento faz parte do processo de leitura. O capítulo apresenta exemplos e análises relevantes de algumas notícias, além de um relato de aula com participação de um profissional no contexto escolar, em que foi apresentado o processo de edição, desde as discussões de pauta, até a matéria ficar pronta para ir ao ar. “Nunca mais vejo um jornal do mesmo jeito” (p.38), essa foi a declaração de uma estudante após conhecer o processo de edição. O uso de exemplos ao longo da obra enriquece o texto, de forma que o leitor “vivencia” a experiência durante a leitura.

“Como centenas de “nativos digitais” leem “ícones”” é o quarto capítulo. Nele, a autora destaca o letramento como prática social, relaciona o letramento visual com a leitura de imagens e faz referência à semiótica de Charles Sanders Peirce. O capítulo também traz uma discussão sobre uma publicação do norte-americano Marc Prensky, que em 2001, defendia que os jovens nascidos a partir dos anos 1980 e 1990 seriam “nativos digitais”, e os demais seriam “imigrantes digitais”. Sobre esses termos, a autora tece sua argumentação manifestando pontos de vistas de outros autores e apresenta resultados de uma pesquisa realizada com jovens, por meio da qual pôde ser observada a relação dos sujeitos com a leitura de símbolos, ícones e outros aspectos relacionados à interface gráfica e, com isso, perceber a necessidade de competência leitora, seja “nativo” ou “imigrante digital”. Esses termos são bastante evidenciados por alguns autores, mas Ribeiro (2018), utiliza argumentos que possibilitam o leitor analisar o uso dessas nomenclaturas.

O quinto capítulo “Palavra & criação, palavra & ação-Livro, leitura e escrita em pauta”, versa sobre o processo criativo, embasado em dissertações de mestrado que pontuam essa temática por meio de experiências diferentes: infografia e ilustração de livros infantis. A discussão é enriquecida ao apontar aspectos desses trabalhos e relacionar os processos criativos com a palavra (escrita), que através de vários questionamentos que a autora coloca, instiga o leitor a refletir. Além disso, o capítulo relata experiências resultantes de discussões em sala de aula sobre aspectos de edição que contribuem para

evidenciar a necessidade de um olhar mais apurado sobre criatividade, invenção e a inserção do estudo desses processos na escola.

Em diálogo com os aspectos já apresentados, no capítulo seis, “Tecnologias na educação-Questões e desafios para a produção de sentidos”, Ribeiro (2018) ressalta a relevância das tecnologias na vida em sociedade, ao apontar que muito do que se faz hoje, não seria possível realizar sem o seu auxílio. A autora ainda menciona que na área da educação, as tecnologias digitais podem possibilitar um ensino mais eficaz, decorrente de alguns recursos mais atrativos. Além disso, faz jus ao uso de imagens em meio aos textos e o seu potencial para a produção de sentido. E também, o papel do professor na seleção adequada dos recursos e metodologia a serem utilizados, com vistas a uma aprendizagem efetiva. Esse é um ponto crucial em suas argumentações.

No capítulo seguinte, “Tecnologia e poder semiótico-Escrever, hoje”, é abordado o conceito de poder semiótico, a partir da perspectiva de Gunther Kress, (RIBEIRO, 2018, p. 83) menciona que ele é compreendido como “o poder de lidar com os signos”, dar significação a algo, fazendo uso de diversas linguagens. Para a autora, as tecnologias digitais têm contribuído para aumentar esse poder, visto que há novas formas de configuração de leitura e escrita. E nesse sentido, relata a experiência de uma atividade de produção textual que foi realizada com estudantes, o que possibilitou a percepção de como um texto pode ou não orientar bem o leitor, dependendo da forma como é elaborado e, principalmente, com a inserção de outras linguagens.

No oitavo capítulo, “Tecnologia digital e ensino-Breve histórico e seis elementos para a ação”, a autora faz uma abordagem sobre a chegada das tecnologias digitais no Brasil nos anos 1990 e o impacto das mesmas nas pesquisas e no ensino. Letramento digital, formação de professores, uso de softwares e plataformas, adaptações e desafios recebem ampla atenção, além de uma reflexão sobre a não adesão às tecnologias digitais. A autora ainda aponta seis elementos para se pensar e agir nas aulas: vontade de aprender, usar, relacionar, experimentar, avaliar e gestão do tempo de trabalho. O primeiro está relacionado à ideia de superação do “estereótipo” “imigrantes” no tocante às tecnologias digitais, em vista de que o desejo e o movimento na cibercultura não têm idade nem apresenta distinção conforme a profissão. O segundo elemento diz respeito ao

conhecimento do usuário sobre as tecnologias, semelhante ao que o Grupo de Nova Londres apresenta como um dos princípios da pedagogia dos multiletramentos: “a competência técnica” (THE NEW LONDON GRUP - NLG, 1996). O terceiro, “relacionar”, diz respeito à aptidão docente para alcançar os objetivos de suas aulas com as tecnologias. Já o quarto, “experimentar”, congrega desde o teste de ferramentas para o ensino, observando suas limitações e êxitos, até os ajustes e réplicas em novas aulas, o que demanda experiência na docência. Esse elemento é substancial para “avaliar” os efeitos da proposta, compreendido pela autora como um processo também de autoavaliação, com a possibilidade de reedição. Trata-se de um olhar muito próximo do mapa da pedagogia dos multiletramentos, do sujeito como “criador de sentidos” (NLG, 1996). Por fim, a autora acrescenta a “gestão do tempo”, quando as próprias tecnologias podem servir para o gerenciamento das notas, frequência, acompanhamento dos conteúdos, entre outros.

Por fim, em “Finalizar, por enquanto”, apesar das condições materiais que as escolas se encontram, a escritora destaca que “o que move esta paisagem em direção à aprendizagem, de todos nós, é nossa curiosidade, nossa provocação mútua. Sem isso poderíamos habitar um palácio e nada de relevante acontecer”. A escrita apresenta uma grande importância na vida dos estudantes, sendo que é através dela que eles conseguirão se inserir no meio social. Logo, a escrita é poder.

Uma das contribuições do livro está em disponibilizar exemplos de práticas vivenciadas pela autora juntamente com os seus estudantes, benefícios que fazem o leitor perceber a relevância do uso das tecnologias no meio educacional. Além disso, faz referências a diferentes culturas, mostrando os diálogos e as tensões existentes, destacando a relevância desses momentos para novas aprendizagens. O livro também traz muitas reflexões sobre o processo de edição no contexto escolar, pois é a partir desse enfoque que se pode viabilizar uma pedagogia crítica a partir de todas as modalidades de linguagem. E essa é a principal tese da autora: todos os recursos tecnológicos e todas as modalidades de linguagens podem ser orquestrados no bojo das práticas educativas.

Enfim, o livro é recomendado a todos que se interessam em estudar sobre tecnologia, leitura, semiótica, edição, cibercultura, cultura digital, impressa e escrita.

Referências

THE NEW LONDON GRUP - NLG. A pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. In: COPE, B. ; KALANTZIS, M. (orgs.). Multiliteracies: Literacy Learning and Design of Social Futures. New York: Routledge, 1996. pp. 9-37.

RIBEIRO, Ana Elisa. Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias na educação. São Paulo: Parábola, 2018.